



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

**ORSIMAR ROSENDO DA SILVA**

**O AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE:  
um profissional da informação em saúde**

**JOÃO PESSOA**

**2015**

**ORSIMAR ROSENDO DA SILVA**

**O AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE:  
um profissional da informação em saúde**

Monografia apresentada para aprovação no curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Prof<sup>a</sup>. Ms.: Patrícia Maria da Silva

**JOÃO PESSOA**

**2015**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S586a Silva, Orsimar Rosendo da.

O agente comunitário de saúde: um profissional da informação em saúde./ Orsimar Rosendo da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2015.  
46 f.: il.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ms. Patrícia Maria da Silva.  
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

1. Agente comunitário de saúde. 2. Profissional da informação em saúde. 3. Comunicação em saúde. 4. Serviços de saúde. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU: 02:614(043.2)

**ORSIMAR ROSENDO DA SILVA**

**O AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE: UM PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO  
EM SAÚDE**

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Ms. Patrícia Maria Silva (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba

---

Profª Ms. Genoveva Batista Nascimento (Membro)

Universidade Federal da Paraíba

---

Profª Ms. Ediane Toscano Galdino (Membro)

Universidade Federal da Paraíba

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, primeiramente, pelas virtudes, pela vida, pelo sustentáculo.

A minha excelentíssima Mãe, aos meus irmãos e sobrinhos que torceram por mim o tempo inteiro.

A minha equipe de trabalho na Unidade de Saúde da Família pela paciência, colaboração, compreensão.

A minha orientadora por se interessar pelo tema e auxiliar sempre que necessário.

Às professores que participaram da banca examinadora.

A minha turma que durante estes cinco anos dividiram as angústias, dificuldades, alegrias, separações, superações.

*Nosso conhecimento se constrói mediado, da mesma forma, somos mediadores na construção  
do conhecimento dos outros.*

(Oswaldo Francisco de Almeida Júnior)

## RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo fazer entender o exercício da função do Agente Comunitário de Saúde (ACS) utilizando o Sistema de Informação em Saúde da Atenção Básica e nessa perspectiva o problema de pesquisa é responder a seguinte questão: o ACS pode ser considerado um profissional da informação? Para lidar com a informação, necessário se faz existir profissionais habilitados para tratarem desse labor, sendo assim destacamos a função facilitadora e mediadora na concepção do vínculo da equipe e os usuários em saúde do ACS. A pesquisa realizada foi com abordagem de caráter exploratória, descritiva e explicativa, com abordagem qualitativa, pesquisa de campo e bibliográfica. Percebeu-se que a partir do que foi observado, que é imprescindível pensar no profissional ACS como produtor de informação em saúde e também temos a preocupação de não encerrar aqui essa discussão, o intuito deste trabalho também é provocar mais e mais debates acerca dos profissionais da informação.

**Palavras - Chave:** Agente Comunitário de Saúde. Profissional da Informação em Saúde. Comunicação em Saúde. Serviços de Saúde.

## **ABSTRACT**

This Final Work aims to understand the exercise of the function of the Community Health Agent (CHA) using the Information System in Health Primary Care and in this perspective the research problem is to answer the question, the CHA can be considered an information professional? To deal with the information necessary to make qualified professionals exist to address this labor, so we highlight the facilitator and mediator role in the team bond design and users in the CHA. The research was exploratory, descriptive and explanatory, with a qualitative approach, field research and literature. It was noticed that from what has been observed, it is essential to think about the professional CHA as a producer of health information and also have the desire not end this discussion here, the aim of this work is also causing more and more discussions about the professional information.

**Keywords:** Community Health Agent. Healthcare Information Professional. Health Communication. Health Services.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cadastramento do usuário em dois momentos.....	27
Figura 2 - Cadastramento do usuário em dois momentos.....	27
Figura 3 - Visita domiciliar.....	28
Figura 4 - Identificação de núcleos familiares.....	31
Figura 5 - Identificação de núcleos familiares.....	37

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Teorias da informação.....	14
Quadro 2 - Teorias da informação.....	23
Quadro 3 - Atividades do ACS.....	26
Quadro 4 - Cabeçalho.....	29
Quadro 5 - Cabeçalho e identificação de controle de cadastro.....	33
Quadro 6 - Identificação e controle de cadastro.....	34
Quadro 7 - Identificação do domicílio.....	34
Quadro 8 - Telefones para contato.....	35
Quadro 9 - Identificação de núcleos familiares.....	36
Quadro 10 - Renda familiar.....	36
Quadro 11 - Identificação de núcleos familiares.....	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ACS - Agente Comunitário de Saúde.

CDS - Coleta de Dados Simplificados.

CI - Ciência da Informação.

CNES - Código Nacional de Estabelecimentos de Saúde.

EUA - Estados Unidos das Américas.

INE - Identificador Nacional de Equipes.

MS - Ministério da Saúde.

PACS - Programa de Agentes Comunitários de Saúde.

PSF - Programa Saúde da Família.

SIAB - Sistema de Informação da Atenção Básica.

SISAB - Sistema de Informação de Saúde da Atenção Básica.

SUS - Sistema Único de Saúde.

UBS - Unidades Básicas de Saúde.

USF - Unidades de Saúde da Família

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Objetivo Geral.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivo Especifico.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>INFORMAÇÃO E CONCEITO.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A: .....</b>	<b>18</b>
	<b>4.1 Interdisciplinaridade .....</b>	<b>20</b>
	<b>4.2 Multidisciplinaridade .....</b>	<b>20</b>
	<b>4.3 Pluridisciplinaridade .....</b>	<b>21</b>
	<b>4.4 Transdisciplinaridade.....</b>	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>OS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>6</b>	<b>O AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE: Historicidade e Atividades.....</b>	<b>25</b>
	<b>Instrumentos De Auxílio No Trabalho Do ACS Na Coleta De Dados E Produção De Informações Para O Sistema De Informação Da Atenção Básica (SIAB).....</b>	
<b>6.1</b>	<b>.....</b>	<b>28</b>
<b>6.2</b>	<b>Bloco De Identificação De Núcleos Familiares.....</b>	<b>29</b>
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
<b>8</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>33</b>
<b>9</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A informação sempre foi e será importantíssima no mundo, tanto para economia como para a tomada de decisão mais acertada, mas nos vários períodos históricos, nos mais remotos séculos havia, na verdade a guarda desse material/objeto (livros) de cobiça nos mosteiros e os monges trabalhavam como copistas para registrar determinadas informações que só os abastados teriam acesso e estava intrinsecamente ligada a cultura até os dias atuais.

Mas foi no período da Segunda grande Guerra Mundial que ela ganha sua relevância, pois foi o período em que estava em evidência e por conta do fluxo informacional, informações essas relacionadas a medicamento por médico-farmacêuticos e os norte-americanos e alemães estavam travando um duelo de quem mais a possuía para derrotar o seu inimigo, essas informações corriam em forma de códigos que foram identificados e transferidos.

Já no que concerne ao bibliotecário, este ator surge em tempos bem remotos, de séculos bem longínquos, mais precisamente no Egito, na Biblioteca de Alexandria. Sua relevância se deu por este organizar e disponibilizar os documentos marítimos daquela época. Seu destaque maior surge nos EUA e na Europa.

Mas para lidar com a informação é imprescindível a existência do profissional bibliotecário e que seja devidamente habilitado e atento às mudanças tanto tecnológicas como de abordagem relacionadas à informação, no seu tratamento, difusão, dentre outros.

O bibliotecário é o responsável não apenas pela disponibilização da informação, mas também utilizar os suportes para registro, além de disseminá-la, disponibilizá-la, descrevê-la, indexá-la, armazenar, recuperar e a fornecer em sua forma original ou como produtos produzidos a partir dela. E as bibliotecas são o ambiente legalmente propício para o bibliotecário, mas ele não se restringe atuar apenas nela, mas em outros ambientes como centro de documentação.

Já o Agente Comunitário surge em meio a movimentos de luta pela saúde na história, sua primeira menção foi em 1978, na Conferência Internacional de Saúde na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URRS), mas ganha bastante notoriedade nos anos de 1990, mais precisamente em 1991 quando surge o programa de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) no país. Seu trabalho foi registrado primeiramente a partir de 1978 no Maranhão, onde 400 Agentes Comunitários de Saúde foram contratados para lutar no combate a desnutrição e na captação de vacinação em crianças.

Após alguns anos o programa foi ampliado para todo o país. Mas o que é a profissão de Agente comunitário de Saúde? Quais são as atividades desse profissional? A profissão foi

criada pela Lei 10.507 de 10 de julho de 2002 e, a Lei 11.350, de 05 de outubro de 2006. A Primeira dispõe sobre a criação da profissão e a segunda das atribuições inerentes do cargo.

A adoção dessas propostas nada mais é do que uma tentativa de reestruturação da atenção à saúde no Brasil, garantido pelo direito institucionalizado da Constituição Federal de 1988. Com isso, o Agente Comunitário, encontra-se no cerne desse processo com a utilização de instrumentos de coleta de informações que passam a integrar o banco de dados do Ministério da Saúde (MS).

Em 1994, surge o Programa Saúde da Família (PSF), onde está inserido o Agente Comunitário de Saúde e uma equipe multidisciplinar para trabalhar no cuidado em saúde. Muitos trabalhos foram empreendidos para estudar as funções desse profissional, suas atribuições e sua relevância nos serviços de saúde.

Com o passar dos anos o Ministério da Saúde estudou formas de melhorar junto com os profissionais a abordagem de trabalho dos mesmos e foi implantando sistemas de coleta de dados com os quais trabalharam, posteriormente modernizando esse mesmo sistema de coleta de dados, chegando em 2013 ao Sistema de Informação em Saúde da Atenção Básica (SISAB). Instrumentos de trabalho desses labutadores em saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os motivos que nos levaram a abordar este assunto foi com o intuito de mostrar que o profissional ACS, seguindo critérios na coleta de dados, utilizando fichas sistematizadas, estes dados transformam-se em informação não científica, mas de grande relevância para o SUS (área da saúde), onde as mesmas informações servirão de subsídios para a avaliação do estado de saúde/morbidade das populações acompanhadas pelo serviço e a partir daí cria políticas públicas na tentativa de melhorar cada vez mais estes mesmos serviços oferecidos à população.

E nessa perspectiva o problema de pesquisa deste trabalho é responder a seguinte questão: o ACS pode ser considerado um profissional da informação? Em seu trabalho Camargo Jr (2007, p. 254) afirma que a informação “é o resultado da combinação de vários dados que são trabalhados, organizados e interpretados”. Sendo assim demonstramos que o ACS é um profissional da informação, mas em saúde.

Cargo Jr (2007, p. 254) corrobora a proposta deste trabalho que após passar por determinados critérios e sistematizações, como supracitado, a informação é verdadeiramente o resultado de combinações de dados, e é isso que faz um ACS na labuta diária em seu campo de trabalho, mas essa informação, mais uma vez fique claro não científica, porém relevante.

## **2 OBJETIVOS**

A seguir são apresentados os objetivos a serem alcançados ao decorrer deste trabalho.

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar se o agente comunitário de saúde pode ser considerado um profissional da informação na perspectiva da Ciência da Informação (CI).

### **2.1 Objetivo Especifico**

Em um nível mais específico, esta pesquisa pretende:

- identificar as atribuições do ACS no que concernem as atividades por ele realizadas;
- Conhecer a informação (não científica) produzida pelo ACS;
- Verificar a contribuição do ACS na produção de informação para o fomento de políticas públicas para a saúde.

### 3 INFORMAÇÃO E CONCEITO

Desde a explosão informacional ocorrida no início dos anos de 1940, período da Segunda grande Guerra Mundial e a importância dada ao fato na segunda metade do século XX, prenunciada pelo uso massivo da informação e de computadores - principalmente nos Estados Unidos da América (EUA), a informação é tratada com objeto de investigação e matéria-prima para vários campos da ciência, principalmente para as áreas afins, neste caso, a ciência da informação, que a tem, como já mencionado, objeto de estudo.

Porém nesta parte deste trabalho buscar-se-á discutir alguns conceitos referentes ao termo informação tanto para esclarecimento do que significa sua matriz etimológica, quanto para algumas ciências, tais como a Ciência da Informação. Pois essas ciências, durante muito tempo, pretenderam conceitua-la e discuti-la, e até hoje não se chegou a um consenso, ou melhor, passou a ter sentido ambíguo, segundo alguns teóricos em seus trabalhos.

E segundo alguns autores, informação é o que pode modificar estruturas, é a combinação de estímulos externos, causando uma ordenação/reordenação mental-cognitiva. E apesar de ser bastante debatida, sua conceituação, ainda apresenta incertezas, lacunas e imprecisões. No entanto o que torna a informação ainda mais relevante é o fato, atualmente, de sua natureza digital.

Como dito, muitos autores, no decorrer dos anos, tentaram conceitua-la, a exemplo de Belkin e Robertson, Shannon e Weaver, Saracevic, Buckland, dentre outros, como redutora de incertezas, um objeto, ou como resultado de processo comunicacional. E para que haja informação é necessário que haja realmente um processo comunicacional entre um emissor, um receptor e um canal e, que exista uma mensagem. E se a informação está imbuída de determinada relevância para o contexto.

Para Shannon (apud BRAGA, 1995), a informação pode ser quantificada e necessita do que se pode chamar de tríade comunicacional, como dito anteriormente, e não depende de uma instituição física ciência emergente, nos idos de 1960, é mais importante uma visão nova de informação, não sua mensuração, como defendia pela teoria matemática de Shannon & Weaver.

O conceito de informação, também é amplamente discutido nas várias áreas do conhecimento (ciências e seus campos), desde a filosofia mais antiga, representada por Sócrates, Aristóteles e Platão, até o atual momento, com os filósofos contemporâneos, dentre outros profissionais que a tem como instrumento de trabalho e investigação.



ÁREAS	TEORIAS
<b>Filosofia</b>	Informação - é a qualidade da realidade material de ser organizada e sua capacidade de organizar, de classificar em sistema, de criar. Sem organização, sem conservação e crescimento da organização a matéria não existe, assim como ela (informação) não existe sem o espaço, o tempo e o movimento. Significado filosófico. (ZEMAN, 1970, p. 14).
<b>Matemática</b>	Concebe a comunicação como uma transmissão de sinais, designado como uma teoria da Informação. Foi concebido, de acordo com seus criadores, como modelo matemático, para permitir a transmissão de um conjunto de informações quantificáveis de um lugar para outro (SHANNON ; WEAVER, 1949, apud KRIPPENDORF, 1994, p. 92).

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Porém não há um total consenso do que seja o conceito, não é uma teoria cabalística, pois isso depende do que cada autor/pesquisador faça uso, segundo seu entendimento no seu campo de trabalho. Em cada campo científico ela pode adotar um significado, mas que não foge de sua etimologia latina, sua origem, *informatio/informare*, pois a ideia do seu significado etimológico está enraizada ao termo. Quanto à falta de consenso, Silva (2007, p. 327) relaciona informação com suportes para corroborar o conceito que ainda é vago, mas enraizado na modernidade, como modismo quando diz:

Documento, coleção, fundo, património (bibliográfico, arquivístico, cultural...), cultura, conhecimento, comunicação são, indiscutivelmente, os principais termos fortes de um discurso enraizado na Modernidade e ao qual está sendo cada vez mais associado o conceito vago, mas muito mediático e, por isso mesmo, espalhado pela crista da moda, de Informação.

Informação, na concepção de Silva (2007), é um conjunto de representações mentais que podem ser codificadas desde a língua à imagem, até ao processo de comunicação com um ou mais interlocutores ou receptores.

Considera-se informação, àquilo que sofre um processo de manipulação e disposição de dados devidamente organizados e que sirva para um fim relevante. A discussão de uma teoria/conceito para o termo vem de tempos remotos. Sua discussão ocupou a filosofia e outras ciências acerca de seu significado. O conceito de informação possui enorme relevância na sociedade contemporânea, por possuir o sentido de conhecimento comunicado e está no cerne dessa sociedade, dita sociedade da informação, como condição básica para o desenvolvimento econômico e social de um país.

O termo “informação” está intrinsecamente relacionado às noções de comunicação, dados, conhecimento, significação, instrução, percepção, dentre outros. Como já dito, o conhecimento comunicado.

Aqui, observemos apontamento acerca do valor da informação sabendo que o valor da informação varia conforme cada indivíduo, suas necessidades e o contexto em que é produzida e compartilhada em um meio comum. Uma informação pode ser altamente relevante para um indivíduo e a mesma informação pode não ter significado nenhum para outro.

Assim, entende-se que a informação necessita de um canal, um emissor e um receptor, tornando-se uma mensagem, imbuída de significado ou não, está inserida numa relação de troca de conhecimento a depender de seu conteúdo, possuir relevância.

Já Silva (2007, p. 52) diz o seguinte acerca do termo tratado aqui relacionando-o com o termo conhecimento:

Por não ser considerado o termo informação sinónimo da expressão conhecimento explícito ficou prisioneiro da acepção comum de que a informação é algo que vem de fora, é processada pela mente humana e volta a existir enquanto entidade externa na forma de livros, revistas, jornais, discos compactos, filmes, vídeos, etc.

Os termos não tem nada de semelhantes, um é o resultado do outro e vice e versa- a informação passa a ser conhecimento e o conhecimento, sendo tácito, quando externado passa a ser informação apara quem recebe, ou seja, há a existência de e um emissor e um receptor necessariamente, pois a informação passa a ser conhecimento, quando relevante e imbuída de significado, torna-se conhecimento comunicado e posteriormente registrado em suportes, como papel, livro, etc.

A informação adquire esse status, quando passa por um processo de transformação tornando-se relevante, passando também, por um critério de seleção, organização e interpretação num contexto específico validando suas funções de moldar, transformar e comunicar o conhecimento, de informar alguma coisa a alguém. Assim:

"[...] propriedade de dados (isto é, símbolos registrados) os quais representam (e medem) efeitos de seu processamento". O autor trabalha as relações entre termos significativos, assim esquematizados: fato (aspectos do fenômeno), dado (representação), informação (processamento do dado), compreensão (comunicação), conhecimento (integração e acumulação) e decisão (uso da informação). O ponto crucial neste processo é a representação, tratada segundo o uso de dados para representar fatos, para registrá-los e derivar informação (HAYES, 1992, p. 7).

Neste sentido, Hayes (1992) corrobora a assertiva de que dados são símbolos registrados, e são uma representação de resultado de processamento, e esse processamento passa a ser informação.

Há alguns anos atrás, o termo tratado-informação era relacionado apenas tradicionalmente com documentos impressos e bibliotecas, no entanto, com o passar dos anos, essa afirmação foi refutada, pois hoje, a biblioteca trabalha com os diversos suportes no que diz respeito à informação. E a Ciência da Informação acredita que a informação pode estar presente num diálogo científico, na inovação para a indústria e assim por diante.

Pinheiro (2004, p. 7) diz “informação é uma entidade que pervaga todas as atividades humanas”. Ela ainda ressalta em seu trabalho acerca do termo informação relacionado à CI e cita três autores que se preocuparam em explicar a relação entre os termos dados, informação e conhecimento. Sendo assim Hoshovsky e Massey (1969, apud PINHEIRO, 2004, p. 6)

consideram impossível pensar num desses conceitos sem a compreensão dos outros dois. Dados "denotam fatos não avaliados para qualquer uso específico. São passíveis de ser avaliados para validação". Informação é "o dado mais a avaliação para uso futuro antecipado", enquanto conhecimento, segundo conceito citado de McDonough, "equivale ao termo informação comumente usado na discussão técnica".

Compreende-se aqui, que também o dado possui sua relevância, por denotarem fatos, por mais que os autores afirmem que se não forem avaliados, analisados para um uso específico. E reitera dizendo que este mesmo dado recebe o status de informação quando avaliado para um futuro uso. Daí entender, já que o ACS trabalha com dados e posteriormente depois de tê-los avaliado para uso futuro possa ser considerado produtor de informação, como propõe este trabalho, pois a Coleta de Dados Simplificado (CDS), implantado pelo SUS, deixa evidente esse status.

A partir desse entendimento acerca do que se segue em relação ao esquema: dado-informação-conhecimento, podemos admitir que esse profissional produz informação, pois alimenta o SISAB do ministério da Saúde. Sendo assim, uma de suas competências é coletar dados sobre o estado saúde/doença, condições de vulnerabilidade familiar, com um formulário/ficha de cadastramento, a saber: cadastro individual, cadastro domiciliar e ficha e de visitas domiciliares.

No que diz respeito à informação, Foskett (1970 apud PINHEIRO, 2004) esclarece que não cabe saber se a informação é falsa ou verdadeira, e sim se é relevante ou pertinente. Pois essa informação poderá ser útil a quem interessar, neste caso a ciência.

Quanto à informação de que trata a Ciência da Informação, Mikhailov, Chernyi e Gilyarevsky (1975, p. 6) expressam que “quanto maior o nível de hierarquia, mais específica à estrutura de informação científica”.

#### 4 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE, MULTIDISCIPLINARIDADE, PLURIDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

A Ciência da Informação surge no bojo da técnica e científica informacional em meio à segunda Guerra Mundial, na década de 1940. E um dos marcos históricos que do surgimento da CI é o de um documento, o artigo de Vannevar Bush. Dois representantes importantíssimos, também são muito bem lembrados, Paul Otlet e Henry la Fontaine, considerados os pais da documentação.

Há discussões científicas que dizem respeito ao termo interdisciplinaridade que habitam observar a utilização do prefixo *inter* o que não recomenda apenas pluralidade e um ajuntamento de disciplinas, ela evoca um ambiente comum que é um fator de união de saberes diversos que interferem e auxiliam um ao outro, causando influências nas diversas áreas do conhecimento.

E a discussão sobre o tema emerge no início do século passado e está pautada com algo que ultrapassa os liames de uma disciplina apenas, ela é uma transgressão de fronteiras disciplinares imaginárias.

No entanto essa nova área do conhecimento, Ciência da Informação, precisaria se embasar em teorias para se aprimorar e receber, verdadeiramente, seu status de campo disciplinar e posteriormente de ciência, e para isso bebeu em outras fontes, ela evolui e segue os passos da evolução de outras disciplinas e áreas do conhecimento. Muitos são os estudiosos que se ocuparam em tratar dos assuntos inerentes a essa disciplina emergente.

Borko (1968 apud SARACEVIC, 1996, p. 45), que buscam dar uma conceituação a Ciência da Informação, que é tratada como disciplina não como área, quando diz o seguinte:

CI é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso. A CI está ligada ao corpo de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação... Ela tem tanto um componente de ciência pura, através da pesquisa dos fundamentos, sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de ciência aplicada, ao desenvolver produtos e serviços.

A CI se pauta em estudar problemas e buscar uma solução acerca das características e o desempenho da informação, além do fluxo e como a informação é utilizada, ela não apenas estuda o assunto, levanta as problemáticas acerca do tema. No entanto, para perceber o emergente desenvolvimento, naquela época, de algumas novas disciplinas científicas, tornou-se imprescindível utilizar as abordagens e metodologias que possibilitassem alcançar

resultados provenientes do intercâmbio com outras disciplinas, em diferentes níveis, denominados de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Conceituar interdisciplinaridade não é o papel deste trabalho, mas uma tentativa de se fazer compreender, assim como também os outros termos que trataremos aqui. Interdisciplinaridade é um trabalho comum entre disciplinas, visando uma interação das disciplinas científicas com aproximação de seus conceitos e sua metodologia. Targino (1995, p. 13) também defende a CI como uma área na qual a interdisciplinaridade possui um caráter norteador, relacionando-se com diversos campos que “[...] são também irremediavelmente interdisciplinares, por conservarem como objeto de estudo a informação [...]”. Assim a CI é reconhecida como tutora dessa relação entre disciplinas e suas trocas e aproveitamento de conhecimentos. Mas nos sub-itens que se seguem buscaremos explicar um pouco do seja cada um dos termos utilizados na CI.

#### **4.1 Interdisciplinaridade**

Interdisciplinaridade é a relação das várias disciplinas ou áreas do conhecimento que podem travar um diálogo ou interação em níveis de complexidade bastante diferentes, tanto na perspectiva da inter, como também na pluri, multi e transdisciplinaridade. Na biblioteconomia, por sua vez, elas podem ser utilizadas de formas específicas para que haja melhor interação dos conhecimentos que todas estas abordagens possibilitam.

A expressão interdisciplinaridade é dotada de acepções diversas, pois, muitas vezes é usada para designar situações diferentes de inter-relações entre duas disciplinas ou mais. Alguns teóricos afirmam que este termo ainda não possui um caráter epistemológico estagne.

Porém cabe saber que o movimento da interdisciplinaridade emergiu na Europa por volta a década de 1960, apregoando o imperativo para construção de um novo paradigma no campo da ciência e do conhecimento. Já no Brasil, surgiu entre as décadas de 1960 e 1970, sua finalidade a de estruturação conceitual básico, Japiassú é o grande pesquisador da área e precursor no país a partir do ano de 1976.

#### **4.2 Pluridisciplinaridade**

Este termo, pluridisciplinaridade, indica o estudo de um objeto adotando a posição de uma única e mesma disciplina realizada por várias disciplinas simultaneamente. Alguns

autores defendem que essa abordagem ultrapassa o nível da multidisciplinaridade, permitindo a observação de algum tipo de interação entre as bagagens de conhecimento de disciplinas díspares.

Na perspectiva de Menezes, 2010 (apud FARIAS e SONAGLIO, 2013, p. 73) a ideia de pluridisciplinaridade tem origens na tentativa de estabelecer relações entre disciplinas, que, dessa forma poderiam receber nome específico de acordo com a integração existente entre as mesmas.

Sendo assim, as disciplinas fundam-se na relação entre o conhecimento do seu campo/área com o dos outros. Seu intuito é esclarecer o seu próprio conhecimento. Observa-se a presença de algum tipo de interação entre os conhecimentos interdisciplinares, embora eles ainda se situem num mesmo nível hierárquico, não havendo ainda nenhum tipo de coordenação proveniente de um nível hierarquicamente superior, Japiassú (1976, apud CARLOS, 2007, p. 152).

### **4.3 Multidisciplinaridade**

Multidisciplinariedade se caracteriza por uma ação simultânea de uma gama de disciplinas em torno de uma temática comum. Essa atuação, no entanto, ainda é muito fragmentada, na medida em que não se explora a relação entre os conhecimentos disciplinares e não há nenhum tipo de cooperação entre as disciplinas, Japiassú, 1976 (apud CARLOS, 2007, p. 152).

É um conjunto de várias disciplinas para serem trabalhadas respectivamente, sem que suas relações fiquem expostas, ou as que possam existir, onde pode arriscar-se a um princípio de um só nível e de objetivos únicos, sem nenhuma cooperação.

Esta se encontra fragmentado em várias disciplinas, recorrendo-se a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si (MENEZES, 2010, apud FARIAS e SONAGLIO, 2013, p. 72). Sendo assim, como fica explicitado, cada matéria colaborou com informações próprias do seu campo de conhecimento, sem considerar que há uma relação entre elas.

### **4.4 Transdisciplinaridade**

A transdisciplinaridade é uma maneira de ser, saber e abordar, que ultrapassa fronteiras da epistemologia de cada ciência ou campo científico, procurando dialogar com os

vários saberes sem perder a sua heterogeneidade e preservação. Ela está aberta, ultrapassando os limites da ciência.

Transdisciplinaridade representa um nível de integração disciplinar além da função transdisciplinar, vai além como já dito. Trata-se de uma proposta relativamente recente no campo epistemológico. Espécie de coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas de um sistema.

O termo surgiu no Seminário de Nice, em 1970, Piaget o propôs seu uso denominando como uma etapa posterior do constructo das relações entre as disciplinas científicas.

Esses termos, ao longo do tempo, foram assumindo diversas significações. A ciência da informação tomou por empréstimo as teorias e metodologias de outras áreas do conhecimento.

Pombo ainda propõe uma discussão acerca dos sufixos dos termos e sua raiz, afirma que esta última, está sempre presente nas que se seguem nos seus estudos:

[...] por detrás destas quatro palavras, multi, pluri, inter e transdisciplinaridade, está uma mesma raiz - a palavra disciplina. Ela está sempre presente em cada uma delas. O que nos permite concluir que todas elas tratam de qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Por outro lado, o sufixo trans supõe um ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina. (POMBO, 2005, p. 5)

Mais uma vez recorremos a Pombo (2005, p. 5) que afirma que “multi, pluri, inter e transdisciplinaridade possuem uma mesma raiz a quem estão ligadas e que discutem assuntos ligados às disciplinas de que tratam”. Mas o sufixo trans nos leva a compreender que alguns limites são ultrapassados. É o que entendemos da assertiva. Em seu pensamento está presente a transposição do termo transdisciplinaridade, que vai além do que é ajustada a área da CI, mas também de outras disciplinas que estudam a problemática da informação.

Quanto ao profissional da informação, aqui podemos citar além do bibliotecário, também o jornalista científico, o museólogo, o arquivista, psicólogo, advogado e o ACS, todos tem a informação como objeto de trabalho. Seja na produção até o tratamento e a difusão.

Para a área da comunicação social, a informação é um conector de sujeitos organizacionais através de processos comunicacionais eficientes, neste caso, se a informação alcançar o objetivo, a compreensão mútua e pode ser alcançada e os conflitos existentes reduzidos, havendo o cumprimento facilmente de metas. Neste sentido, a informação, presente nesses processos, passa a ser base dos processos de comunicação nas sociedades.

Assim se pode recorrer a Simões (2001 apud Soares, 2004, p. 5), que em seu trabalho “destaca a informação como ativador e organizador das relações organizacionais, na busca da



redução da incerteza, objetivando, assim, a compreensão entre as partes e a minimização dos conflitos, afastando a controvérsia”.

Em seu trabalho de tese de doutorado Pinheiro (2012), recorre ao que se pode chamar de papas da ciência no que concerne ao estudo da problemática dos termos, principalmente da interdisciplinaridade que se inicia antes da explosão informacional. Ela busca os conceitos atuais para poder entender e deixar compreendido o uso, e a preocupação analítica, onde o papel da CI é discutido e, também o seu papel social na evolução da dita sociedade da informação. Pois a disciplina mantém relações com outras áreas do conhecimento.

Para Pinheiro (2012, p. 18), quando ela afirma que “a interdisciplinaridade não é uma questão nova”, isso reflete que a questão é tratada desde o passado longínquo, mais propriamente, “na sua filosofia e ideias”. A história remonta já estava presente no humanismo grego e no renascimento, quando naquela época, os artistas-cientistas, onde se pode citar ‘Leonardo da Vinci’, estiveram presentes e exerceram práticas interdisciplinares, embora ainda não houvesse assim, uma definição (relocado).

No Brasil, quem dedicou mais de 36 anos ao estudo da interdisciplinaridade no campo da CI, foi Hilton Japiassú, como já foi supracitado, e lançou um livro tratando do assunto num conceito mais amplo, multidisciplinaridade. Já na pátria irmã, Portugal, Olga Pombo trabalha no que concerne às dificuldades semânticas e epistemológicas do termo e seus equivalentes.

Ela acredita numa equivocidade que engloba o conceito de interdisciplinaridade “as suas fronteiras não estão estabelecidas, nem para aqueles que as usam, nem para aqueles que as estudam, nem para aqueles que as procuram definir”. Assim, espera contribuir para “proposta de estabilização do sentido da palavra” (POMBO, 2005 apud PINHEIRO, 2012, p. 5).

## 5 OS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO

Para lidar com a informação, necessário se faz existir profissionais habilitados para tratarem desse labor, neste caso, podemos citar alguns mais tradicionais que a CI tenta integrar, tanto como curso superior nas universidades, como na atuação profissional entre cada uma delas.

O profissional arquivista deve ser capaz de adquirir aprendizado e passar a sua equipe de trabalho, desempenhando assim de modo satisfatório o seu fazer dentro da instituição a qual trabalha, possibilitando o uso, a disseminação, organização, recuperação da informação. Na arquivística, o suporte “documento” é produzido em decorrência natural das atividades institucionais e são estocados para servir de testemunho e informar sobre as atividades realizadas e emana naturalmente de uma afirmação de organicidade como princípio.

Como gestor o arquivista é o responsável em organizar, classificar, dentre outros, os documentos da instituição onde trabalha, seja ela privada ou pública. Sua função é também disponibilizar a informação rápida e eficazmente ao seu usuário, para tanto se faz necessário que [...] (ele) amplie (seu) campo de ação para além da informação imediata de valor primário, ou resgate daquela de valor secundário (ANDRADE ; ALMEIDA, 2011).

O bibliotecário ao organizar e disseminar a informação exerce seu papel profissional para garantir a disponibilidade de informação para a sociedade. Le Coadic (1996) define os profissionais da informação [o bibliotecário- neste caso] como pessoas que adquirem a informação registrada em diferentes suportes, organizam, descrevem, indexam, armazenam, recuperam e fornecem essa informação em sua forma original ou como produtos elaborados a partir dela. Sendo este um papel do bibliotecário, pois na literatura, a terminação profissional da informação tem exposto uma afinidade intrínseca com a profissão de bibliotecário.

As bibliotecas são notadamente um mercado legalmente protegido para os bibliotecários, mas há outros profissionais que fazem parte da família dos “profissionais da informação” que também lutam por seu lugar no mercado da informação.

Quadro abaixo ordena algumas atividades realizadas no âmbito de arquivos e bibliotecas:

Quadro 2 : Teorias da informação

	<b>Arquivologia</b>	<b>Biblioteconomia</b>
<b>Gestão da memória</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção e avaliação de documentos</li> <li>• Temporalidade das séries documentais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação e desenvolvimento de acervos</li> <li>• Gerenciamento de recursos informacionais</li> </ul>
<b>Produção da informação documentária</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Processamento técnico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representação e recuperação da informação</li> </ul>
<b>Mediação da informação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jurisdição e acesso</li> <li>• Programas de difusão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Serviços ao usuário</li> <li>• Ação cultural</li> <li>• Comunicação documentária</li> </ul>

Fonte : SMIT, 2003, p. 8.

O museólogo é o profissional que compreende o objeto museológico como documento, pois o mesmo incide em meio de comunicação de informação, do conhecimento, do mesmo modo como um suporte para a construção da memória coletiva.

O museu, na qualidade de instância de representação da memória social e espaço no qual a informação é considerada insumo cultural, é terreno propício para o desenvolvimento de estudos e ações relacionadas à informação. Sobretudo considerando a informação como um conhecimento humano, com características cognitivas, resultantes do ato de conhecer e capaz de transformar ideias e aspectos comunicacionais (LE COADIC, 2004 apud SOUZA, 2010, p. 2).

Em comparação com a CI, a Ciência da Comunicação é um “tanto mais antiga, cuja história fundamenta-se nos estudos da retórica Aristotélica que brotou em meados do século II a.C” (FREIRES, 2007 apud JANUÁRIO, 2010, p. 156). Segundo Melo (1977, p. 38), “essa retórica se caracterizava por uma natureza nitidamente filosófica ou psicológica e abordava o processo de transmissão de informações, sobretudo pela ótica da persuasão e da influência de um interlocutor em seu meio social”. A Ciência da Comunicação pode ser definida como aquela que “procura abranger a produção, o tratamento e os efeitos de símbolos e dos sistemas de signos, através das teorias analisáveis, contendo generalizações legítimas que permitam explicar os fenômenos associados à produção, ao tratamento e aos efeitos” (BERGER ; CHAFEE, 1987 apud DEVÈZE, 1998, p. 156).

Segundo Melo (1977, p. 32) o “processo de comunicação tem como objeto central a informação, transmitida por um comunicador a um receptor, utilizando um canal e um sistema

de códigos específicos e logo após recuperados para a transmissão de novas informações”, sendo este o papel do profissional jornalista.

Le Coadic (2003) considera como as principais disciplinas da Ciência da informação: Biblioteconomia, Documentação, Museologia e Jornalismo.

Dito em outros termos, se na arquivologia a função do documento é definidora de sua entrada no sistema de informação e posterior organização, na biblioteconomia enfatiza-se sua função no momento da saída do sistema. Consequentemente, organiza-se os documentos de acordo com outro parâmetro: a informação neles contida.

## **6 O AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE: Historicidade e Atividades**

Em 1991, surgiu o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) como uma forma de erradicar a mortalidade infantil e materna, a desnutrição, e o programa absorveu um novo ator, importante nesse processo, o Agente Comunitário de Saúde. Seu surgimento é muito mais longínquo, em 1978, na Conferência Internacional de Cuidados Primários em Saúde que aconteceu na cidade de Alma-Ata, na antiga URSS, houve menção ao profissional.

E no Brasil, há registros da atuação desse profissional no mesmo ano 1978 no estado do Maranhão, onde quatrocentos agentes foram contratados, inicialmente para auxiliar no combate a desnutrição com abordagem interventiva. Porém foi em 1987 que algo muito semelhante foi implantado no Ceará após a atuação do ACS que incentivou a criação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde após ter recebido avaliações positivas pelo Ministério da Saúde.

Após alguns anos o programa foi ampliado para todo o país. Mas o que é a profissão de Agente comunitário de Saúde? Quais são as atividades desse profissional? Ele pode ser considerado um profissional da informação? Alguns autores/pesquisadores, principalmente na área da saúde e ciências humanas buscaram conceituar o que é o profissional e definir suas atividades de acordo com a realidade de cada comunidade com a qual esses trabalham e também cuidam.

O conceito mais adequado encontrado para explicar o que é a profissão, depois de pesquisas na literatura da área de saúde, é de que o Agente comunitário de Saúde é o profissional responsável por atuar nas atividades de promoção e de prevenção em saúde/doença, mapeando e encaminhando pessoas da comunidade adscrita aos serviços de saúde oferecidos a essa população pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Unidades de Saúde da Família (USF). O profissional participa, com as equipes de saúde e a comunidade da elaboração, programação, avaliação e reprogramação do plano de ação de saúde local.

A profissão foi criada pela Lei 10.507 de 10 de julho de 2002, caracteriza-se pelo exercício de atividade de prevenção de doenças e promoção da saúde, mediante ações domiciliares ou comunitárias, individuais ou coletivas exclusivamente no âmbito do SUS e estipula os requisitos para a ocupação do cargo. Quanto às atividades observa-se no quadro a seguir resumidamente que também foram estipulados por lei.

Quadro 3: Atividades do ACS

<p>ATIVIDADES DO ACS NO ÂMBITO DO SUS (segundo a Lei 11.350/07)</p>	<p>[...] o exercício de atividades de prevenção de doenças e promoção da saúde, [...] a promoção de ações de educação para a saúde individual e coletiva; [...] a utilização de instrumentos para diagnóstico demográfico e sociocultural da comunidade [...] o registro, para fins exclusivos de controle e planejamento das ações de saúde [...].</p>
---	---

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015.

Nas figuras podemos observar uma das atividades do ACS, neste caso, a coleta de dados para o preenchimento das fichas com as quais o mesmo trabalha.

Figura 1: Cadastramento do usuário em dois momentos



Fonte: ricardo.blogspot.com

Figura 2 : Cadastramento do usuário em dois momentos



Agentes Comunitários se adaptaram bem ao uso dos tablets

Fonte: ricardo.blogspot.com

Figura 3. Visita domiciliar



Fonte: ricardo.blogspot.com

O ACS é efetivamente o elo entre a comunidade e os serviços de saúde oferecidos ele integra uma equipe de abordagem multidisciplinar que realiza ações de prevenção de doenças e seus agravos e na promoção da saúde. Mas as atividades não se restringem as supracitadas apenas, eles são constrangidos a realizarem tarefas que não são de sua competência causando-lhe problemas de saúde.

No entanto, muitos autores, percebem que eles, muitas vezes, não cumprem com seu verdadeiro papel por conta dessas imposições e exigências, pelo fato de profissionais que os responsabiliza por essas atividades, o que, segundo esses mesmos autores afirmam que na verdade eles possuem uma característica híbrida e polifônica. Para afirmar essa assertiva se recorre a Nunes (et al 2002 apud GOMES, et al, 2010, p. 1150) quando estes dizem o seguinte:

O ACS apresenta um caráter híbrido e polifônico que o inscreve de forma privilegiada na dinâmica de implantação e de consolidação do novo modelo de saúde, pois, numa posição estratégica de mediador entre a comunidade e o serviço de saúde, ora ele pode funcionar como facilitador, ora como empecilho neste processo.

Sendo assim, nesta acepção, inúmeros estudiosos tem se ocupado em identificar quais são as atribuições, ações e visões do trabalho desse profissional e o impacto em seu cotidiano, por consequência das atividades, como já dito anteriormente, realizadas e como está sua qualidade de vida enquanto trabalhador da ponta no serviço. Assim corrobora Kluthcovsky (et al, 2007 apud GOMES et al, 2010, p. 1150) quando dizem:

Neste sentido, vários estudos têm procurado identificar as funções, ações e concepções sobre o cotidiano do trabalho do ACS — incluindo as repercussões sobre a qualidade de vida — e os resultados atribuições, tanto

pelo amplo leque de exigências quanto pelas limitadas condições socioeconômicas das famílias acompanhadas.

Confirma-se aqui que o profissional não realiza apenas suas atividades, lhe são atribuídas outras que pelo que percebemos, causa-lhe problemas à sua saúde.

Daí Richardson (1999 apud Minayo, 2007, p. 1147) diz o seguinte:

que a saúde passou a ser compreendida como um processo, resgatando a responsabilidade dos indivíduos e introduzindo o componente ético na relação da ciência com a sociedade, o que evidenciou a necessidade da reorientação do sistema de saúde.

Dessa maneira, percebemos que a humanização aparece como intervenção, e a atuação do ACS, não configuram apenas como tecnicista, se destacam, ainda, duas dimensões segundo Silva e Dalmaso (2002, p. 1149) quando dizem que:

Assim, é possível identificar duas dimensões principais na proposta de atuação para o ACS: uma mais estritamente técnica, relacionada ao atendimento aos indivíduos e famílias, à intervenção para prevenção de agravos ou para o monitoramento de grupos ou problemas específicos, e outra mais política, porém não apenas de solidariedade à população e de inserção da saúde no contexto geral de vida, mas também no sentido de organização da comunidade e de transformação destas condições.

Neste sentido os autores afirmam que o ACS é importante, mas esse profissional, não trabalha de maneira técnica apenas, mas um sentido humanizado e também técnico, que vai além de produzir saúde.

### **6.1 Instrumentos de auxílio no trabalho do ACS na Coleta De Dados e produção de informações para o Sistema de Informação da Atenção Básica (SISAB)**

Será apresentado neste subtítulo, sem maiores detalhes (pois o material, neste caso as fichas estão disponíveis no site do MS), um pouco sobre a Coleta de Dados Simplificada, implantado pelo Ministério da Saúde que integra a nova proposta dos serviços de saúde ofertados e que são utilizados pelos ACS para alimentar o novo sistema que consiste no preenchimento de fichas, que são alguns dos instrumentos de trabalho desse profissional, seguindo critérios instituídos pelo MS.

A estratégia avança ao permitir a entrada dos dados orientada pelo curso natural do atendimento e não focada na situação-problema de saúde. A entrada de dados



individualizados por cidadão abre caminho para uma gestão do cuidado, trazendo informações mais perto do processo de planejamento da equipe (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Assim foi criado um manual para orientar os profissionais a utilizarem o sistema de Coleta de Dados Simplificada, seja ela em relação ao preenchimento das fichas impressas, ou à digitação das mesmas no sistema por outros profissionais que não sejam os ACS. Esse manual foi estruturado em dois blocos e o veremos no capítulo 8, onde discutiremos sobre a análise dos dados para corroborar a assertiva de que o ACS é profissional da informação [não] científica.

No quadro a seguir, estão dispostos os campos do cabeçalho que são usados para identificação do profissional que realizou o cadastro, qual a microárea e a data da realização desse cadastro. Este quadro será apresentado e discutido um pouco mais no capítulo 8.

Quadro 4. Cabeçalho

<b>e-SUS</b> Atenção Básica	<b>CADASTRO INDIVIDUAL</b>			DIGITADO POR:	DATA:
				CONFERIDO POR	FOLHA Nº:
Nº DO CARTÃO SUS DO PROFISSIONAL*	Cód. CNES UNIDADE*	Cód. EQUIPE (INE)*	MICROÁREA	DATA:* / /	
IDENTIFICAÇÃO DO USUÁRIO / CIDADÃO		RESPONSÁVEL FAMILIAR			
Nº DO CARTÃO SUS		É o responsável? <input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não		Nº DO CARTÃO SUS	
				DATA DE NASCIMENTO: / /	
NOME COMPLETO:*					
NOME SOCIAL:				DATA DE NASCIMENTO:* / /	
SEXO:* <input type="radio"/> Masculino <input type="radio"/> Feminino		RAÇA / COR:* <input type="radio"/> Branca <input type="radio"/> Preta <input type="radio"/> Parda <input type="radio"/> Amarela <input type="radio"/> Indígena		Nº NIS (PIS/PASEP):	
NOME COMPLETO DA MÃE:* <input type="checkbox"/> Desconhecido					
NACIONALIDADE:* <input type="radio"/> Brasileira <input type="radio"/> Naturalizado <input type="radio"/> Estrangeiro		PAÍS DE NASCIMENTO:		TELEFONE CELULAR: ( )	
MUNICÍPIO E UF DE NASCIMENTO:**				E-MAIL:	

Fonte: DAB/MS, 2013.

As fichas contém alguns espaços destinados a inserção de dados trabalhadores e dos cidadãos, apresentamos abaixo alguns descritos:

- Nº do Cartão SUS do Profissional- onde este deve conter todos os numeros em cada espaço, em seguida existe um outro espaço que pode ser inserido o Código Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) da unidade;
- Código Identificador Nacional de Equipes (INE);

- Nº da microárea (onde o ACS atua; área geográfica pela qual ele é responsável por atuar);

## 6.2 Bloco de identificação de núcleos familiares

Nesse bloco observar-se-á que deve haver a identificação de núcleos familiares, um componente que amplia e qualifica o cuidado em saúde, a partir da abordagem familiar, que será tratada inicialmente na visita domiciliar do ACS e também será contemplada nas versões subsequentes desse sistema. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Núcleo familiar, ou simplesmente família, no Cadastro da Atenção Básica, remete ao conjunto de moradores, de um mesmo domicílio, que fazem referência ao mesmo responsável familiar. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

A seguir a figura apresenta espaço destinado para identificação de núcleos familiares, quando há mais de um em determinadas residências, dividindo o mesmo espaço, porém com seus núcleos bem definidos. Alguns quadros são apresentados no capítulo 8 de análise de dados, para uma melhor compreensão do que foi apresentado aqui.

Figura 4- Núcleos familiares.

FAMÍLIAS						
Nº PRONTUÁRIO FAMILIAR	Nº CARTÃO SUS DO RESPONSÁVEL	DATA DE NASCIMENTO DO RESPONSÁVEL	RENDA FAMILIAR (SAL. MÍNIMO)	NÚMERO DE MEMBROS DA FAMÍLIA	RESIDE DESDE [MÊS] [ANO]	MUDOU-SE
	_____	/ /	ⓉⓆⓃⓂⓅⓆⓇⓈⓉⓇⓈ	_____	____/____	<input type="checkbox"/>
	_____	/ /	ⓉⓆⓃⓂⓅⓆⓇⓈⓉⓇⓈ	_____	____/____	<input type="checkbox"/>
	_____	/ /	ⓉⓆⓃⓂⓅⓆⓇⓈⓉⓇⓈ	_____	____/____	<input type="checkbox"/>
	_____	/ /	ⓉⓆⓃⓂⓅⓆⓇⓈⓉⓇⓈ	_____	____/____	<input type="checkbox"/>

— TERMO DE RECUSA DO CADASTRO DOMICILIAR DA ATENÇÃO BÁSICA —

Eu, \_\_\_\_\_ portador do RG nº \_\_\_\_\_, gozando de plena consciência dos meus atos, recuso este cadastro, mesmo que isso facilite o acompanhamento a minha saúde e de meus familiares. Estou ciente de que essa recusa não implicará no não atendimento na unidade de saúde.

\_\_\_\_\_ Assinatura

**Legenda:**  Opção de Múltipla Escolha  Opção de Única Escolha (Marcar X na opção desejada)

Fonte: DAB/MS, 2013.

## 7 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se por ser um estudo acerca da função do ACS nos serviços de saúde como produtor de informações [não científica], sua abordagem perpassa por diversas vertentes metodológicas. Quanto aos objetivos, ela possui um caráter exploratório, pois seu intuito é a caracterização do problema, no sentido de familiarizá-lo, classificando-o e definindo-o. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007).

É descritiva, pois sua pretensão é descrever os fatos e fenômenos e exigir a busca de uma série de informações sobre o objeto da pesquisa, neste caso, o trabalho do ACS como produtor de informação não científica na área de saúde. A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987, apud Silveira e Córdova, 2009, p. 35). Para Triviños (1987, p. 112 apud Silveira e Córdova, 2009, p. 35), “os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação”.

É também de caráter explicativa, pois se preocupa em identificar os fatos que contribuem para que os fenômenos ocorram. Segundo Gil (2007, p. 43), “uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado”.

Quanto sua abordagem, é qualitativa preocupando-se com o aprofundamento de um grupo social, não se apegando ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, apud Silveira e Córdova, 2009, p. 32).

Quanto aos procedimentos é pesquisa bibliográfica por indicar um levantamento de referências teóricas do assunto estudados e publicados. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Este tipo de pesquisa possui característica de envolvimento e identificação do pesquisador com o objeto investigado.

A pesquisa participante, segundo Fonseca, 2002, foi criada por Bronislaw Malinowski: para conhecer os nativos das ilhas Trobriand, sendo assim, ele tornou-se um deles. Irrompendo com a sociedade ocidental, armou sua tenda nas aldeias que desejava estudar, aprendia suas línguas e observava sua vida cotidiana (FONSECA, 2002 apud Silveira e Córdova, 2009, p. 40). Assim o instrumento de pesquisa deste trabalho como metodologia, também se utilizou do instrumento de pesquisa participante, pois foi necessário que o pesquisador se percebesse, trabalhando como tal profissional ACS para expor suas percepções na pesquisa.

## 8 ANÁLISE DE DADOS

O presente estudo delinea-se, sobretudo, sob o propósito de analisar se o ACS pode ser considerado um profissional da informação, e assim confirmar que este profissional produz e trabalha com este objeto já citado e que é de grande relevância para o SUS, pois o mesmo utiliza-se de instrumentos de coleta de dados que tratados transformam-se em informação relevante para a criação de políticas públicas e melhorias dos serviços de saúde.

Foram demonstrados quadros neste tópico que nos farão entender um pouco sobre a Coleta de Dados Simplificada que integra a proposta dos serviços de saúde ofertados e que são aproveitados pelo ACS para alimentar o Sistema de Informação em Saúde da Atenção Básica.

Nesse bloco observar-se-á que deve haver a identificação de núcleos familiares, um componente que amplia e qualifica o cuidado em saúde, a partir da abordagem familiar, que será tratada inicialmente na visita domiciliar do ACS e também será contemplada nas versões subsequentes desse sistema. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Núcleo familiar, ou simplesmente família, no Cadastro da Atenção Básica, remete ao conjunto de moradores, de um mesmo domicílio, que fazem referência ao mesmo responsável familiar. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Os dados apresentados e demonstrados nos quadros que se seguem estão designados os campos a serem preenchidos pelos profissionais ACS para alimentação da base de dados da Secretaria Municipal de Saúde e posteriormente o banco de dados do Ministério da Saúde e servem para o fomento de políticas públicas no âmbito da área da saúde. Em cada quadro estará designado o espaço específico a ser preenchido de acordo com o que é pedido.

Quadro 5: Cabeçalho e identificação de controle de cadastro.

<b>e-SUS</b> <b>Atenção Básica</b>	<b>CADASTRO DOMICILIAR</b>			DIGITADO POR:	DATA: / /
				CONFERIDO:	FOLHA:
Nº DO CARTÃO SUS DO PROFISSIONAL*	Cod. CNES UNIDADE*	Cod. EQUIPE (INE)*	MICROÁREA	DATA:* / /	
ENDEREÇO / LOCAL DE PERMANÊNCIA		NOME DO LOGRADOURO:*		Nº:*	
TIPO DE LOGRADOURO:		BAIRRO:*			
COMPLEMENTO:		MUNICÍPIO:*		UF:*	CEP:*
TELEFONES PARA CONTATO					
TELEFONE RESIDENCIAL: ( )			TELEFONE DE REFERÊNCIA: ( )		
CONDIÇÕES DE MORADIA					
SITUAÇÃO DE MORADIA / POSSE DA TERRA*				LOCALIZAÇÃO*	
<input type="radio"/> Próprio <input type="radio"/> Financiado <input type="radio"/> Alugado <input type="radio"/> Arrendado <input type="radio"/> Cedido <input type="radio"/> Ocupação <input type="radio"/> Situação de Rua <input type="radio"/> Outra				<input type="radio"/> Urbana <input type="radio"/> Rural	

Fonte: DAB/MS, 2013.

Quadro 6 - Identificação e controle de cadastro

CAMPO	ORIENTAÇÃO DE PREENCHIMENTO
Nº DO CARTÃO SUS DO PROFISSIONAL	Preencha o número do cartão nacional do SUS do profissional que realizou o cadastro. Este campo é de preenchimento obrigatório.
CÓD. CNES UNIDADE	Preencha o código de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) do Ministério da Saúde. Este campo é de preenchimento obrigatório.
CÓD. INE EQUIPE	Preencha o código de Identificador Nacional de Equipes (INE) no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) do Ministério da Saúde. Este campo é de preenchimento obrigatório.
MICROÁREA	Escreva o código de identificação da microárea onde está situado o domicílio cadastrado. Este campo é de preenchimento obrigatório.
DATA	Anote a data em que ocorreu o cadastramento do domicílio. Este campo é de preenchimento obrigatório.

Fonte: DAB/MS, 2013.

Quadro 7 - Identificação do domicílio

NOME DE LOGRADOURO	Escreva o nome do logradouro em que o indivíduo reside. Este campo é de preenchimento obrigatório.
Nº	Escreva o número da casa ou apartamento. Campo numérico ou “S/N” caso sem número. Este campo é de preenchimento obrigatório.
COMPLEMENTO	Escreva o complemento do endereço. Pode ser preenchido com nome e números (alfanumérico) de edifício ou algum outro dado que não se enquadre nos campos.
BAIRRO	Escreva o bairro em que o usuário reside atualmente. Pode ser preenchido com nomes e números (alfanumérico). Este campo é de preenchimento obrigatório.
UMMUNICÍPIO	Escreva o nome da cidade em que o usuário reside atualmente. Informações conforme tabela do <i>site</i> do IBGE (disponível em: <a href="http://www.ibbge.gov.br/cidadesat/topwindow.html?1">http://www.ibbge.gov.br/cidadesat/topwindow.html?1</a> ). Este campo é de preenchimento obrigatório.
UF	Escreva o Estado de residência do cidadão conforme IBGE. Vide Anexo A. Este campo é de preenchimento obrigatório.



CAMPO	ORIENTAÇÃO SOBRE O BLOCO DE PREENCHIMENTO
Nº PRONTUÁRIO FAMILIAR	Coloque o número do prontuário familiar no estabelecimento de saúde. Tem finalidade de relacionar os dados do cadastro com as informações da família no estabelecimento de saúde.
Nº CARTÃO SUS DO RESPONSÁVEL	O campo que deve ser preenchido com o número do CadSUS do responsável pela família, no domicílio. Entende-se por responsável pelo domicílio aquele que é referido pelos usuários cadastrados como responsável, independentemente do grau de parentesco.
DATA DE NASCIMENTO	Anote a data de nascimento do responsável, ela servirá para verificação do Cartão Nacional de Saúde do usuário.

Fonte: DAB/MS, 2013.

Quadro 10- Renda familiar

CAMPO	ORIENTAÇÃO SOBRE BLOCO/PREENCHIMENTO
¼	Até um quarto de um salário mínimo
½	Até meio salário mínimo
1	Até um salário mínimo
2	Até dois salários mínimos
4	Até quatro salários mínimos
+	Mais de quatro salários mínimos

Fonte: DAB/MS, 2013.

Quadro 11 - Identificação de núcleos familiares.

CAMPO	ORIENTAÇÃO SOBRE BLOCO/PREENCHIMENTO
NÚMERO DE MEMBROS DA FAMÍLIA	Anote a quantidade de indivíduos do mesmo núcleo familiar moram no domicílio.
RESIDE DESDE	Coloque a data em que o núcleo familiar passou a residir nesse domicílio (mudou-se para o domicílio), preenchida no formato mês/ano. Não tendo a informação mês, marcar somente ano.

Fonte: DAB/MS, 2013.



Analisando os quadros e parte das fichas (instrumentos de trabalho do ACS) permite que pensemos sobre as várias faces de trabalhar e produzir a informação e também da comunicação no trabalho do ACS. E o elemento que merece atenção é a compreensão da organização do fluxo que tomam as informações, mas também da comunicação em saúde de maneira a auxiliar na construção compartilhada da informação.

Após essa análise dos quadros, podemos perceber que há produção de informação de forma criteriosa e controlada (sistematizada), obedecendo a normas e diretrizes, instituídas pelo SUS, por isso podemos afirmar que o ACS é um profissional da informação. Mas o intuito deste trabalho é provocar uma discussão ainda maior sobre o assunto e não findar aqui o debate iniciado.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi analisar a atividade do profissional ACS como produtor de informação e conseqüentemente profissional da informação ( não científica), não apenas como cuidador em saúde, educador popular em saúde, agente transformador, como o nomeiam, mas sua importância nos serviços de saúde que são oferecidos no âmbito do SUS.

Sendo assim, é imprescindível nos apoderarmos da informação, pois esta é de grande relevância para o desenvolvimento das rotinas de atendimento na USF e voltada para suprir os imperativos da comunidade, e não devemos apenas criticar o modo técnico e burocrático aplicado, onde a informação é versada, nosso dever é continuar persistindo para que a gestão seja qualificada, objetivando o progresso dos serviços de saúde, pois o Ministério da Saúde afirma que “o desafio é ampliar o uso da informação no cotidiano do processo decisório da saúde na formulação de políticas, na gestão, na vigilância, na clínica, no controle social, enfrentando a desigualdade de acesso” (BRASIL, 2005, p. 90). Este é um papel assumidamente social e de grande relevância.

Portanto é de suma estima saber que a informação é um direito de todos e dever do Estado e que o acesso à informação constitui um dos alicerces do projeto de conquistas sociais de construção da cidadania (GTISP/ABRASCO, 1994). Porém não basta saber que isso constitui um direito e sim um dever do Estado para com todo o cidadão oferecendo o acesso livre a informação.

Também temos a preocupação de não encerrar aqui essa discussão, o intuito deste trabalho também é provocar mais e mais debates acerca dos profissionais da informação, incluindo neste contexto o ACS que também é um produtor de informações. Trabalhos relacionados ao tema ainda são poucos, relacionando os cursos mencionados, mas os que existem são enriquecedores para o conhecimento.

Necessário se faz levar a informação a toda sociedade e a partir daí ensiná-la a usar essa informação que servirá de embasamento tanto para o desenvolvimento econômico como para o social e humano. Esse é um dos papéis dos profissionais da informação, sejam eles bibliotecários, arquivistas, museólogos, jornalistas. E quanto ao ACS, a este cabe o papel de, no dia a dia, realizar a coleta dos dados para alimentar o sistema de base de dados do SUS através das visitas domiciliares coletando as informações necessárias para o seu trabalho e melhoria nos serviços.

## REFERÊNCIAS

ABRUNHOSA, M. A. **A Informação e a comunicação no trabalho do agente comunitário de saúde**. 2011. 103f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://arca.icict.fiocruz.br/handle/icict/5514>>. Acesso em 16 fev. 2015.

ALMEIDA, N. B. F. de ; BAPTISTA, S. G. Profissional da Informação: imagem, perfil e a necessidade da educação continuada . **Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 1-14, 2009.

ANDRADE, A. L. de. ; ALMEIDA, D. P. dos R. de. Capacitação em serviço de arquivo: o arquivista frente aos desafios das tecnologias da informação e comunicação. **Revista EDICIC**, Marília, v. 1, n. 3, p. 52 - 58, 2011. Disponível em: <<http://www.edicic.org/revista/>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

ARAÚJO, C. A. Á. O conceito de informação e a ciência da informação. **Informação & Sociedade** : Estudos, João Pessoa, v. 20, n. 3, p. 95-105, set./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. Ciência da informação como campo integrador para as áreas de biblioteconomia, arquivologia e museologia. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173 - 189, jul./jun. 2010.

ÁVILA, M. M. M. O Programa de Agentes Comunitários de Saúde no Ceará: o caso de Uruburetama. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 349 – 360, 2011.

BELLUZZO, R. C. B. As competências do profissional da informação nas organizações contemporâneas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 58-73, jan./jun. 2011.

BICALHO, L. ; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da transdisciplinaridade e a pesquisa em ciência da informação. **Informação & Sociedade** : Estudos, João Pessoa, v. 21, n. 2, p. 87-102, maio/ago. 2011.

\_\_\_\_\_. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 13, p. 47-74, jul./set. 2011.

\_\_\_\_\_. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 1-26, 2011.

BORNSTEIN, V. J. ; STOTZ, E. N. Concepções que integram a formação e o processo de trabalho dos agentes comunitários de saúde: uma revisão da literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 259 – 268, 2008.

- BUFREN, L. S. ; PEREIRA, E. C. Os profissionais da informação e a gestão de competências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 170-181, jul./dez. 2004.
- BRAGA, G. M. Informação, ciência da informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1 – 8, 1995. Disponível em: < revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/534/486>. Acesso em 20/10/2014.
- CANÇADO, V. L. ; MEDEIROS, N. L. de. ; JEUNON, E. E. O profissional da informação: uma análise baseada no modelo de múltiplos papéis de Ulrich. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 196-218, mai/ago, 2008.
- CAPURRO, R. ; HJORLAND, B. **O conceito de informação**. [S.l.: s.n.], 2003.
- CARDOSO, A. M. P. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 1996.
- CUNHA, M. V. da. **Quem é o profissional da informação? algumas reflexões**. Florianópolis: Ibersid. 2009.
- FARIAS, Mayara Ferreira de. SONAGLIO, Kerlei Eniele. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinar no turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, vol. 3, n.1, p. 71-85, 2013. Disponível em <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em 29/03/2015.
- FILGUEIRAS, A. S. ; SILVA, A. L. A. Agente Comunitário de Saúde: um novo ator no cenário da saúde do Brasil. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 899 - 915, 2011.
- FREIRE, I. M. Informação: consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 43 – 59, 1995.
- GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. **Métodos da pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e ciência da informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1 – 11, 2009.
- GOMES, K. de O. et al. O agente comunitário de saúde e a consolidação do Sistema Único de Saúde: reflexões contemporâneas. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1143 - 1164, 2010.
- JANUÁRIO, S. B. B. A relação interdisciplinar entre a ciência da informação e a ciência da comunicação: o estudo da informação e do conhecimento na biblioteconomia e no jornalismo. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 151-165, jan./jun. 2010.
- LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos. 1996.

LEITE, R. A. F. ; GALVAO, M. C. B. . Os profissionais da informação em saúde: perfis e campos de atuação. In: Congresso Brasileiro de Informática em Saúde, 2006, Florianópolis. Congresso Brasileiro de Informática em Saúde, 10. Florianópolis, 2006.

MARICATO, J. de M. ; REIS, F. A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO: análise de cocitações na Revista Perspectivas em Ciência da Informação e Intercom. **Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria**, v. 4, n. 2, p. 33 – 45, 2014.

PEREIRA, I. C. ; OLIVEIRA, M. A. de C.. O trabalho do agente comunitário na promoção da saúde: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 3, p. 41-59, 2013.

PERES, C. R. F. B. O Agente Comunitário de Saúde frente ao processo de trabalho em equipe: facilidades e dificuldades. **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 905 – 917, 2011.

PINHEIRO, L.V.R. Configurações disciplinares e interdisciplinares da ciência da informação no ensino e pesquisa no Brasil. In: BORGES, M.M.; CASADO, E.S. (Org.). **A Ciência da informação criadora de conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PINHEIRO, L. V. R. Confluências Interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasília, v. 1, n. 1, p. 7 – 31, jan./jul. 2012.

PINTO, R. R. **O profissional da informação em Ciências da Saúde: subsídios para o desenvolvimento de cursos de capacitação no Brasil**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

RAMOS, J. de A. de A. ; ARAÚJO, C. A. Á. As possibilidades de aproximação e diálogo entre arquivologia, biblioteconomia e museologia via modelo formativo: o caso da ECI/UFMG. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 59-80, maio/ago. 2014.

RIBAS, J. C. da C. et al. Ciência e Interdisciplinaridade em um Programa de Pós-Graduação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, p. 1 – 12, 2012.

RIBAS, C. S. da C. ; ZIVIANI, P. O profissional da informação: rumos e desafios para uma sociedade inclusiva. **Informação & Sociedade** : Estudos, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 47-57, set./dez. 2007.

SAKATA, K. N. ; MISHIMA, S. M. Articulação das ações e interação dos Agentes Comunitários de Saúde na equipe de Saúde da Família. **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 665 – 672, 2012.

SAMPAIO, I. S. V. Conceitos e Modelos da Comunicação. **Revista Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, Edição Especial, n. 5, p. 1 – 23, 2001. Disponível em:

<<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/download/310/192>>. Acesso em 23 out. 2014,

SANTOS, M. R. ; PIERANTONI, C. R. ; SILVA, L. L. da. Agentes Comunitários de Saúde: experiências e modelos do Brasil. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1165-1181, 2010.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, A. B. M. da. Documento e informação: as questões ontológica e epistemológica. **Revista Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 327-355, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SILVA, A. K. A. da. ; LIMA, I. F. de. ; ARAÚJO, C. A. Á. Desvelando a interdisciplinaridade da ciência da informação: o enfoque dos alunos do PPGCI/UFMG. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 31- 44, jan./abr. 2009.

SMIT, J. W. Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 33 – 50, jul./ dez. 2003.

SOARES, V. D. **A informação como matéria-prima do processo comunicacional: um estudo em Laboratórios Experimentais de Comunicação Social**. 2004. Dissertação (Mestre em Comunicação Social) – Escola de Pós Graduação da Famescos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Novo Hamburgo, 2004.

TARAPANOFF, K. ; SUAIDEN, E. ; OLIVEIRA, C. L. Funções Sociais e Oportunidades para Profissionais da Informação. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, v. 3, n. 5, p. 1 – 11, 2002.

TARGINO, Maria das Graças. Quem é o profissional da informação? **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 61-69, jul./dez. 2000.

ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. In: \_\_\_\_\_. **O Conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970, p. 154-168.